

CASTELLS, Manuel. *Redes de Indignação e Esperança*. Movimentos sociais na era da Internet. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 271 páginas, 2013.

Resenhado por Thaiza de Carvalho dos Santos¹
(Universidade de Brasília – UnB)

O livro *Redes de Indignação e Esperança: Movimentos sociais na era da Internet* do sociólogo espanhol Manuel Castells é central para os estudos sociais contemporâneos sobre a sociedade conectada e os movimentos sociais em rede. Em suas análises, Castells (2013) objetiva apresentar as características globais dos novos movimentos sociais com base em suas próprias experiências como ativista e em relatos coletados em suas pesquisas. A reflexão gira em torno do novo espaço de autonomia e o papel fundamental das redes sociais e da internet na sociedade atual, com foco nas indignações e demandas características da onda de movimentos em rede que ganharam expressão a partir de 2010 no mundo.

Os movimentos analisados pelo autor começaram nas redes sociais, longe do controle governamental e empresarial, por isso, são denominados de *movimentos sociais em rede*. Esses movimentos têm formação dinâmica, valores e perspectivas de mudanças sociais e culturais. Sua comunicação é multimodal, no sentido de que são utilizados diferentes meios discursivos para organização e interação entre os/as participantes. A teoria que sustenta as análises de Castells está apresentada em seu livro *Communication Power* (2009), que discute a constituição de poderes na sociedade. Em sua visão, as instituições são construídas por aqueles que detêm o poder, segundo seus próprios interesses, exercidos pela coerção ou/e manipulação simbólica (sendo esta forma mais estável e decisiva). Em consequência das relações de poder, as lutas hegemônicas suscitam, pois, a conexão em rede, sem substituir as outras formas de interação existentes, mas trazendo novas possibilidades de interação, não só entre indivíduos, mas também entre instituições e poderes quem têm controle na sociedade em rede.

A obra de Castells é dividida em sete capítulos, antecidos de Prefácio e Introdução, e precedidos de um Posfácio dedicado à edição brasileira e que analisa, de forma breve, a conjuntura da formação dos movimentos sociais em rede no Brasil. O primeiro capítulo reúne as análises dos movimentos da Tunísia e da Islândia que são caracterizados como a origem da explosão de novos movimentos.

¹ Licenciada em Letras-Português e Mestranda em Linguística/Linguagem e Sociedade pela Universidade de Brasília. Membro no Núcleo de Estudos em Linguagem e Sociedade (NELiS).

Na Tunísia, o maior objetivo do movimento era derrubar a ditadura de Ben Ali que há anos massacrava a população daquele país. Os/as manifestantes se empoderaram face ao desprezo pelas políticas vigentes, “a conexão entre comunicação livre pelo *Facebook*, *YouTube* e *Twitter* e a ocupação do espaço urbano criou um espaço híbrido público de liberdade que se tornou umas das principais características da rebelião tunisiana” (CASTELLS, 2013, p. 29).

Outro pioneiro movimento apontado pelo autor foi a revolução na Islândia. Em meio ao contexto social crítico do país, no dia 11 de outubro de 2008 o cantor Hordur Torfason protestou em frente ao parlamento islandês e seu ato foi viralizado rapidamente nas redes, estabelecendo o início da revolução. É importante ressaltar que a Islândia já era uma sociedade em rede, com 94% da população conectada à internet e dois terços usuários/as do *Facebook* e, por isso, este modelo de movimento funcionou de forma eficiente. Segundo Cardoso (2005, p. 33), considera-se uma sociedade informacional aquela que possui “uma sólida tecnologia de informação - infra-estrutura, produção e conhecimento”.

Os movimentos precursores da Tunísia e da Islândia apresentam semelhanças, apesar da especificidade de cada situação. Ambos protagonizaram o uso da internet e das redes sociais para a mobilização do povo. A semelhança fundamental entre os movimentos é o sucesso em suas lutas, suas semelhanças e características estabeleceram modelo para o surgimento de novos movimentos. Segundo Castells (2013, p. 49), “podemos estar observando a ascensão de novas formas de transformação social. E se elas forem diversas em suas práticas graças a diferenças de contextos, poderemos sugerir algumas hipóteses sobre a interação entre cultura, instituições e movimentos”.

No segundo capítulo do livro, Castells analisa a revolução egípcia. Esta revolução, iniciada em 25 de janeiro de 2011, foi capaz de destituir do poder o último faraó em apenas 18 dias. Da luta egípcia nasceu o *Movimento da Juventude de 6 de Abril*, que contava em sua página no *Facebook* com 70 mil seguidores. Seguindo o exemplo da jovem Asmaa Mafhouz, muitas mulheres foram às manifestações e tornaram-se fundamentais na liderança de comissões e debates públicos, mas, diante do governo, a resistência feminina era um insulto: entre janeiro e fevereiro de 2011 mais de 15 mulheres foram mortas em manifestações. Como bem afirma Castells (2013, p. 67), “o despertar das mulheres egípcias durante a revolução é um dos principais temores de uma sociedade profundamente patriarcal e está desencadeando uma onda de violência contra as mulheres que pode crescer com o tempo”.

Em resposta ao grande crescimento da revolução, o governo egípcio bloqueou a internet e censurou a mídia, gerando uma grande desconexão, o que sustenta ainda mais a importância e o poder das redes para os movimentos como força intimidadora de contra-poder hegemônico. Apesar das tentativas de minar a revolução, ela resistiu, pois sua plataforma de comunicação era *multimodal* e a conexão foi reestabelecida após sete dias.

Na corrente dos movimentos da Tunísia e do Egito, vários países árabes se revoltaram, cada um com demandas específicas, como analisado no terceiro capítulo. As redes novamente forneceram um espaço de autonomia para essas revoluções. Na continuação de suas análises, Castells apresenta a revolução dos *Indignados da Espanha* e o movimento *Occupy Wall Street*. O *Indignados da Espanha* surge em meio à crise crescente na Europa no ano de 2011. A convocatória, novamente, foi feita pelas redes, sem nenhum apoio político direto, e como consequência milhares de pessoas se reuniram em praças públicas em Madrid, Valência e outras 50 cidades. Os discursos do movimento eram ricos e múltiplos, mas nenhuma das propostas do *Indignados* chegou a ser transformada em política, a verdadeira mudança foi na reflexividade do próprio movimento e, em consequência, no pensamento político dos envolvidos, como discute o autor.

Os/as norte-americanos/as viam pela internet o que acontecia no mundo árabe e, em meio ao cenário econômico de crise, declararam 23 de março de 2011 como o *Dia da Fúria*. Em outubro ocorreram ocupações em outras cidades do país. A diversidade dos/as protestantes era alta, com uma ampla maioria de eleitores/as democratas. O movimento *Occupy Wall Street* também nasceu digital: o *Twitter* foi fundamental para a comunicação, os acampamentos eram organizados pela *web* e o movimento possuía páginas no *Facebook* e sites na internet.

Após analisar tais movimentos, Castells, no sexto capítulo, reflete sobre as transformações do mundo na sociedade em rede, sua grande contribuição para os estudos sociológicos atuais. Para ele, estamos vivendo em um novo contexto da sociedade em rede, onde surge uma nova forma de Estado, um Estado que é global e local ao mesmo tempo, que se torna global principalmente devido à possibilidade da globalização viabilizada por meio das redes.

Para Recuero (2009), as transformações mais evidentes são percebidas nas novas formas de interação entre indivíduos, ou atores. Algumas características dessas inter-relações dos movimentos sociais em rede, são listadas por Castells como: *a) os movimentos sociais em rede são conectados de forma multimodal; b) são simultaneamente globais e locais; c) são*

espontâneos, derivados de uma centelha de indignação; d) os movimentos sociais em rede são virais; e) deliberam o espaço de autonomia, reduzindo a necessidade de liderança formal; f) são profundamente autorreflexivos, e g) raramente são programáticos (suas maiores contribuições ocorrem na mudança de valores da sociedade).

Esses movimentos são estabelecidos em um espaço de autonomia, ou seja, iniciam-se nas redes sociais, mas geralmente ocupam um espaço físico, praças, avenidas, com a característica de fluidez entre o ciberespaço e as ruas. Desta forma, “o espaço de autonomia é a nova forma espacial dos movimentos sociais em rede” (CASTELLS, 2013, p. 165). O espaço dos movimentos sociais em rede é um espaço híbrido, de fluidez entre o *online* e *off-line*.

De forma clara, a obra de Castells fornece grandes contribuições para os/as estudiosos/as da sociedade atual e suas novas práticas locais e globais. Para a Análise de Discurso Crítica, podemos dizer que os movimentos sociais em rede configuram uma nova agenda, visto que suas ações sociodiscursivas revelam questões sobre a inter-ação entre discurso e prática social, motivadora de lutas hegemônicas em rede. A obra de Castells, assim como sua já conhecida coletânea sobre identidade, sociedade em rede e poder, traz novos olhares e reflexões atualizadas sobre a conjuntura social global atual e desperta questionamentos que nos fazem olhar para nossos próprios contextos situacionais.

Recebido em: dezembro de 2016
Aprovado em: dezembro de 2016
thaizacarvalho@hotmail.com

REFERÊNCIAS

- CARDOSO, Gustavo; CASTELLS, Manuel. *A sociedade em Rede*. Do Conhecimento à Acção Política. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2005.
- CASTELLS, Manuel. *Communication power*. New York: Oxford University Press, 2009.
- CASTELLS, Manuel. *Redes de Indignação e Esperança*. Movimentos sociais na era da Internet. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- RECUERO, Raquel. *Redes Sociais na Internet*. Coleção Cibercultura. Porto Alegre, 2009.